

BERNARD J. SIEGEL (ed.): **Biennial Review of Anthropology 1959**. VI + 273 págs. Stanford University Press, Stanford, 1959. (Preço: US\$ 6.00).

Tal é hoje o incremento da Antropologia que já não é possível a ninguém manter-se ao par do progresso de cada uma das disciplinas que a constituem. A literatura de qualquer uma delas requer, por si só, toda a atenção do estudioso que a procura dominar. Não obstante, para revelarem o alcance que possam ter, os resultados particulares hão de ser sempre encarados em confronto com os das demais disciplinas antropológicas e com vistas à explicação científica da natureza humana em geral. Daí a utilidade das resenhas que proporcionem panoramas parciais, dêste ou daquele campo de pesquisa. Feitos com critério e publicados a intervalos mais ou menos regulares, oferecem, com a seqüência dos volumes, uma boa orientação aos que labutam em áreas vizinhas. Eis o objetivo da série ora iniciada por um grupo de antropólogos norte-americanos sob a direção de B. J. Siegel, da Universidade de Stanford. Sem sujeitar-se a esquema fixo, mas concebida de maneira a levar em conta as possíveis mudanças de perspectiva e de centros de interesse no estudo biológico e cultural do homem, a **Biennial Review of Anthropology** virá, por certo, constituir valioso instrumento de trabalho, também para os estudantes e para os especialistas em campos afins. E, a julgar pelo primeiro volume, não deixará de corresponder à expectativa.

Este, que, aliás, não abrange dois anos apenas, mas três ou mais, contém sete resenhas: Progressos recentes em Antropologia Física, (G. W. Lasker), Mudança Cultural (L. S. e G. D. Spindler), Estudos psicoculturais (J. J. Honigmann), Organização social (H. Basehart), Tendências recentes da antropologia soviética (L. Krader), Linguagem (F. Lounsbury) e Antropologia política (D. Easton). Cada autor organizou a seu modo o ensaio de que se incumbiu; mas todos êles, sem exceção, apresentam uma síntese bem feita do respectivo setor de pesquisa, com bibliografia cuidadosamente selecionada, é verdade que em essência restrita a autores de língua inglesa, salvo, já se vê, a que se refere à Antropologia soviética. Esperemos que no futuro se corrija o defeito, imprimindo ao todo um caráter mais universal.

O valor das resenhas não se reduz, é claro, à seleção crítica de livros e artigos, mas aumenta na medida em que tornam explícitos os temas preferenciais e as tendências hoje dominantes. Do ensaio de G. Lasker sobre Antropologia Física depreende-se, assim, um interesse cada vez mais vivo, da parte dos pesquisadores, em captarem o processo da evolução humana em pequenos grupos e em períodos de tempo limitados, determinando o papel das diferentes formas de seleção na mudança da freqüência relativa dos gens; além disso, uma série de autores, retomando a discussão dos achados fósseis, modifica em pontos essenciais o nosso quadro da evolução humana pré-histórica, sobretudo no tocante ao **Homo sapiens** em suas relações com o Homem de Neandertal e outras formas fósseis. Por outro lado, diminuem as tentativas de classificação racial. Em conjunto, conclui G. Lasker, o estudo de tal ou qual período ou região geográfica parece estar perdendo terreno em favor de problemas específicos. — A investigação da mudança cultural continua na ordem do dia, embora, como o notam L. e G. Spindler, com marcada tendência para o ecletismo e rejeição de teorias exclusivas. — O campo dos estudos psicoculturais é mais amplo do que o foi o de “cultura e personalidade”; investiga-se, também, entre outras coisas, o papel da motivação no processo socializador e interpre-

tam-se jogos e folclore em termos psicodinâmicos (J. Honigmann). — A organização social vem sendo discutida em numerosos estudos, muitos deles de alto nível; H. Basehart acredita estar em bom caminho a constituição da “ciência natural da sociedade” preconizada por Radcliffe-Brown. — Na Antropologia soviética, salienta L. Krader, persiste o predomínio da orientação diacrônica em geral e, no setor etnográfico, notável preponderância de trabalhos sobre folclore. — Comentando a bibliografia lingüística, F. Lownsbury deixa entrever novos rumos no desenvolvimento de teoria e método da lingüística descritiva, mas também em outros setores, como, por exemplo, o da semântica. — A Antropologia política, por fim, ainda está por desenvolver um esquema bastante amplo de conceitos e de princípios metodológicos; a par da análise de uma série de trabalhos recentes, quase todos sobre temas particulares, D. Eaton passa em revista as tentativas feitas neste sentido e aponta as possibilidades que julga poderem conduzir a maior integração teórica.

### Egon Schaden

WILLIAM I. THOMAS e FLORIAN ZNANIECKI, **The Polish Peasant in Europe and America**. Edição completa, em dois volumes, 1115 e 1135 págs. Dover Publications, Inc. Nova Iorque, 1958. (Preço: US\$ 12,50).

Trata-se da reedição de uma obra clássica na sociologia. A primeira edição, de 1500 exemplares, foi impressa pela Gorham Press e publicada por Richard C. Badger, Boston, na seguinte seqüência: volumes I e II, 1918; volume III, 1919; volumes IV e V, 1920. Após ter-se esgotado essa edição, Alfred Knopf preparou a segunda, também de 1500 exemplares, em 1926, que difere da anterior apenas na menor transposição de material, na repaginação e no acréscimo de um índice. A presente reedição reproduz o texto da obra segundo esta edição.

Como se sabe, a pesquisa reuniu um grande número de investigadores e se tornou possível graças a uma doação generosa de Helen Culver, a quem a obra foi dedicada. Faris interpreta o pensamento generalizado dos cientistas sociais norte-americanos, quando afirma que **The Polish Peasant in Europe and America** constituiu “um acontecimento capital” na história da sociologia nos Estados Unidos, como “o primeiro estudo sociológico de grande envergadura, no qual são expostos sistematicamente o método e o conjunto de dados”. É verdade que, na época, a sociologia já tinha alcançado um desenvolvimento apreciável nesse país e que Giddings, principalmente, havia lançado as bases para um novo estilo de trabalho, que envolvia a conjugação da pesquisa à elaboração teórica. Contudo, ainda prevalecia a tendência às **grandes** construções teóricas. Apesar do exemplo de Le Play e de seus discípulos ou seguidores, os sociólogos europeus e norte-americanos mantinham-se fascinados por modelos de trabalho que punham, por assim dizer, “o carro diante dos bois”, na medida em que a valorização da teoria não era acompanhada de propósitos bem definidos de investigação empírico-indutiva. Mesmo as investigações de estrito cunho empírico fundavam-se em dados coligidos, originalmente, por especialistas em outros campos (história, economia, estatística, etnologia etc.). O “acontecimento capital”, portanto, consistia na revolução metodológica provocada pela bem sucedida orientação dos autores, que inauguraram a era moderna da sociologia, entendida como ciência **especial e empírico-indutiva**.